

O que eu poderia dizer a esta  
estranha tão familiar?



# Uma nova filha

POR RANDY SHORE

**O** SALMÃO está marinando. Uso as facas de forma desajeitada. Duas décadas de dúvidas e a dor do arrependimento destroem minha autoconfiança enquanto tento preparar uma refeição para esta garota ao mesmo tempo estranha e familiar e para a família dela.

Há 22 anos, dois adolescentes de uma pequena cidade se viram numa

situação difícil. Grávida aos 16, a menina e seu namorado de 17 decidiram que o bebê deveria ser criado por outra pessoa. Um casal da Colúmbia Britânica foi escolhido: o pai era membro da polícia montada e a mãe, enfermeira. Eles acharam que esse era o lar perfeito para sua filha crescer.

Agora vejo pela primeira vez uma jovem mulher que fala e age como

eu e que se parece com uma menina que amei um dia. *Minha filha, Ally*. Este é um conceito novo. *Minha filha*. Fico repetindo a frase mentalmente.

Eu a vi apenas uma vez, num corredor de hospital, no dia 22 de maio de 1981. Jamais a peguei em meus braços. Aquele bebê cresceu e Debbie, sua mãe biológica, passou os últimos quatro anos navegando em sites da Internet dedicados a reunir pais e crianças dadas para adoção.

Debbie e eu há muito nos separamos. Nós nos apaixonamos e casamos com outras pessoas, e tivemos outros filhos. Mas há alguns meses ela entrou em contato comigo, querendo saber se eu estava preparado para me dedicar à pesquisa. Nós tínhamos o endereço antigo dos pais adotivos na cidade de Delta. Pensamos em ir até lá fazer perguntas aos vizinhos e descobrir pistas.

No fim das contas, não foi preciso todo esse trabalho. Do outro lado do país, num povoado perto de Halifax, Ally, casada e com dois filhos pequenos, estava nos procurando. Seu marido, Jeff, a repreendera por nunca ter tentado descobrir a verdade sobre seus pais biológicos.

Quando, certa noite, Jeff virou-se para o lado e dormiu, Ally saiu de fininho da cama e sentou-se diante do computador. Descobrimos vários sites sobre adoção, ela digitou o que sabia sobre seu passado e encontrou algo. Nomes, profissões. Um e-mail. Seus pais. O processo todo levou apenas 20 minutos.

Quem quer que fossem essas pessoas, estavam procurando por ela também.

ENCONTRAMO-NOS num fim de semana de setembro de 2003, depois de tentarmos marcar durante meses uma data para o encontro. Nesse período, Ally e sua família haviam se mudado de Halifax para High River, em Alberta, cidade próxima da casa de minha sogra. Os avós da minha mulher moram a apenas alguns quarteirões da casa de Ally. A primeira de muitas estranhas coincidências.

**A**

IDÉIA DE IR até a casa de Ally e ficar sentado educadamente falando sobre trivialidades enquanto o jantar era servido me parecia assustadora. Propus que fizéssemos o jantar juntos. Isso nos ocuparia enquanto nos conhecíamos. O que Ally, o marido e os filhos seriam para mim não estava nem um pouco claro, mas eles seriam algo, e isso teria início na noite em que nos encontrássemos.

A escolha do cardápio me deixou confuso. O que eles comiam em Alberta? A única coisa que me lembrava de ter comido lá era hambúrguer. Parecia haver uma lanchonete em cada canto. Decidi comprar os ingredientes quando chegasse lá. Esperava encontrar algo além de carne e pão.

Em Alberta, peguei emprestado a picafe de minha sogra e me dirigi a

# Isto é bem mais difícil do que eu pensava. **Na verdade, é de apertar o coração.**

um supermercado, na cidade de Okotoks. Deixei os empregados passamos quando pedi caviar.

- Isso não é aquela coisa que a gente põe na salada Caesar, é?

- Não, aquilo é anchova.

Uma mulher gentil me levou para uma turnê entre os peixes enlatados, os peixes frescos e, finalmente, entre os condimentos, onde as ovas foram encontradas.

Decidi levar salmão, que não precisava ser muito marinado, mas tanto os empregados do supermercado quanto os clientes de uma pequena loja de bebidas em Okotoks ficaram boquiabertos quando pedi uma garrafa de saquê. Para surpresa de todos, uma garrafa coberta de poeira apareceu e minha receita tornou-se possível. Com os ingredientes na mão, dirigi-me para High River.

**C**HEGANDO À casa de Ally, vejo a agitação lá dentro enquanto paro o carro. Uma mulher aparece na porta da frente. Ela é mais alta do que sua mãe biológica, bem mais alta. E o cabelo dela é mais curto e mais escuro do que eu esperava.

Saio da picape sem saber se devo levar as sacolas de compras comigo. E se quisermos nos abraçar? Não

queremos. Nenhum dos dois sabe o que fazer. "Tenho alguns pacotes para levar", digo de maneira boba, e começo a carregar sacos cheios de comida e vinho, além de presentes para as crianças.

Jeff, o marido de Ally, é mais velho do que eu esperava. Tem cerca de 30 anos.

Distribuo os presentes que trouxe para as crianças. Keigan, 2 anos, avança em seus blocos de construção. Jillyan, que ainda não tem 1 ano, brinca com o papel do embrulho.

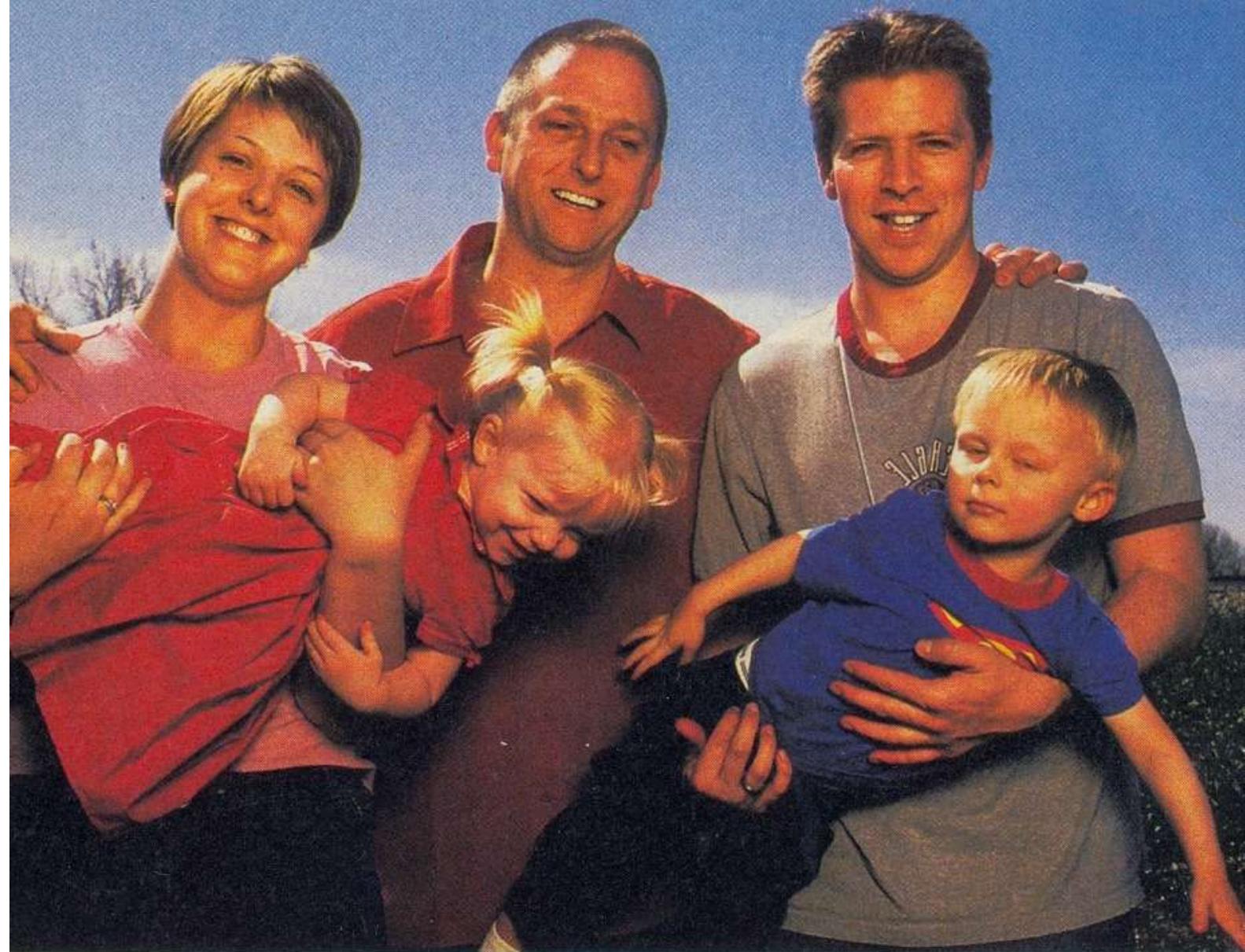
Ally e eu olhamos um para o outro e tentamos conversar. Quero dizer a ela que sinto muito, que gostaria de ter agido melhor, ou feito mais.

Durante anos eu torci para que a decisão que Debbie e eu havíamos tomado quando éramos adolescentes não prejudicasse nossa filha de uma forma que não prevíamos. Balbucio alguma coisa nesse sentido.

- Tive uma vida feliz - responde ela. - Meus pais são maravilhosos. Minha mãe e eu somos muito próximas. Não existe nada que eu não possa contar a ela.

Ally vai até uma estante, pega um álbum de fotografias e o entrega para mim.

- Minha mãe fez isso. Tem praticamente toda a minha vida aí.



**Randy (no centro) não só reencontrou a filha perdida, como ganhou também um genro (Jeff, à direita) e dois netos (Jillyan e Keigan).**

Eu havia ganhado uma única foto polaróide de uma criança recém-nascida. Poucas horas depois de ela nascer, fui expulso do hospital por enfermeiras que sabiam o que era melhor para mim. Guardei aquela foto numa caixa de sapatos durante mais de 20 anos.

As páginas do álbum são decoradas com pequenos bolos de aniversário e poemas, mostrando o trabalho de uma mãe dedicada. O rostinho de Ally aparece radiante em todas as fotos, com presentes e ami-

gos, brincando durante as férias da família. Isto é mais difícil do que eu pensava. Na verdade, é de apertar o coração. Começo a virar as páginas rápido demais. Keigan dirige um caminhãozinho pela minha perna.

“Acho melhor eu ir marinar o salmão”, digo, levantando-me. Preciso de algo para fazer.

O VINHO QUE tomamos faz efeito rápido, e logo estamos contando histórias sobre nossas adolescências e amores do passado. Eu tagarelo, enquanto fina-

lizo o caviar que me deu tanto trabalho para encontrar.

Ally parece desconfiar dos aperitivos que preparei, mas experimenta um bolinho de batata com creme azedo e ovinhas brilhantes que declara “comestível”. Jeff experimenta o caviar. *É a primeira vez para ele também*, penso. “Não gosto muito de peixe, mas isso aqui é bom”, diz ele.

Ally abre outra garrafa de vinho enquanto eu grelho o salmão e me preparo para lutar com um forno elétrico – um ato de alto risco para um cozinheiro de fogão a gás.

Conversamos sobre estranhas ligações. O filho de Ally se chama Keigan e o meu se chama Keiran; Debbie tem uma filha chamada Teegan. Uma coisa é ter traços de personalidade em comum, o que nós temos – quer sejam bons ou ruins –, outra é uma menina de 12 anos insistir e até ter uma discussão com o pai para dar ao cachorro o nome de *Randy*, sem ter como saber que aquele é o nome de seu pai biológico. Todos achamos isso um pouco assustador.

O jantar fica melhor do que eu esperava. Eles não têm churrasqueira, mas a grelha do fogão é uma ferramenta surpreendentemente útil para preparar o salmão.

Também consigo fazer uma das minhas especialidades: aspargos com

tomate e alho ao molho de vinho. Todos ficam impressionados.

Depois do jantar, Ally – que afirma não saber cozinhar – apresenta um *cheesecake* de abóbora delicioso. Nós bebemos e saboreamos a doçura da sobremesa e do riso despreocupado, mas não fico por muito mais tempo. *Vá embora enquanto está tudo indo bem*, digo a mim mesmo.

No último dia da minha visita, depois de Jeff sair para o trabalho, Ally e eu conversamos sozinhos durante uma, duas, quatro horas. O tempo passa sem que percebamos e eu finalmente me sinto confortável. Olho de novo o álbum de fotos que temi, dessa vez mais devagar. *Ally pode se parecer com a mãe biológica*, eu penso, *mas posso ver que, em algumas coisas, ela é igual a mim*. Mesmo na nossa primeira conversa por telefone, há alguns meses, senti que já a conhecia, exceto pelos detalhes.

– Sinto muito por não tê-la visto crescer – digo. – Sinto por mim, acho.

– Bom, você pode ver estes dois crescerem – ela responde, parada à porta, com Jillyan no colo.

O sol brilha e eu a acho linda.

– E verei.

Vou embora e tento espantar as primeiras de muitas lágrimas. Não é bem alegria e não é tristeza. Não sei o que é, mas vai ficar tudo bem.

### TERMO BEM APLICADO

Início de relatório de avaliação de um perito ambiental: “Chegando à fazenda do Sr. Pedro Jacaré e não encontrando o réptil...”

